



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

**A FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ-PB A PARTIR DOS ASPECTOS
SOCIOCULTURAL E DA ECONOMIA INFORMAL**

PAULO SÉRGIO SILVA BARBOSA

Campina Grande-PB
2013

PAULO SÉRGIO SILVA BARBOSA

**A FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ-PB A PARTIR DOS ASPECTOS
SOCIOCULTURAL E DA ECONOMIA INFORMAL**

Campina Grande-PB
2013

B238f Barbosa, Paulo Sérgio Silva.

A feira livre do município de Puxinanã-PB a partir dos aspectos sociocultural e da economia informal [manuscrito] / Paulo Sérgio Silva Barbosa. - 2014.

44 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Aretuza candeia de melo, Departamento de Educação".

1.Comércio popular. 2. Feiras livres. 3. Relações sociais. I.
Título.

21. ed. CDD 394.6

PAULO SÉRGIO SILVA BARBOSA

**A FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ-PB A PARTIR DOS ASPECTOS
SOCIOCULTURAL E DA ECONOMIA INFORMAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aretuza Candeia de Melo

Campina Grande-PB
2013

PAULO SÉRGIO SILVA BARBOSA

A FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ-PB A PARTIR DOS ASPECTOS
SOCIOCULTURAL E DA ECONOMIA INFORMAL

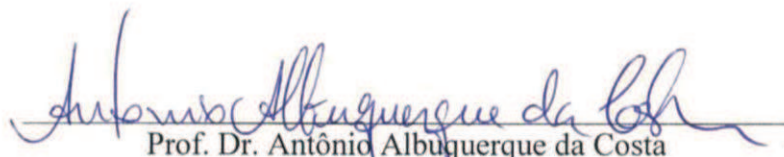
Aprovada em 17 de Dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Aretuza Candeia de Melo

Orientadora



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

1º Examinador



Prof. Esp. Daniel Campos Martins

2º Examinador

Dedico este trabalho a minha mãe, Lourdes que sempre me apoiou e incentivou em toda a minha trajetória pessoal e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Deus*, pois sem ele eu não conseguiria nada.

Aos meus pais, *Paulo* e *Lourdes* por todo o incentivo, principalmente nos momentos mais difíceis, aos meus irmãos *Liliane*, *Luciana* e *Luciano*, demais familiares e amigos que contribuíram muito durante todo o curso.

A minha esposa *Alessandra* que sempre me apoiou e foi bastante compreensiva em todos os meus momentos de estudo.

Agradeço também a minha orientadora *Dr^a Aretuza Candeia de Melo* que me ajudou bastante, e sempre foi muito paciente, além de orientadora, foi uma amiga, e aos demais professores da UEPB, por todos os ensinamentos passados.

A FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ-PB A PARTIR DOS ASPECTOS SOCIOCULTURAL E DA ECONOMIA INFORMAL

RESUMO

O comércio sempre desenvolveu um importante papel no desenvolvimento das cidades, e não foi diferente no município de Puxinanã-PB. A feira livre do município ocasionou transformações em vários setores, principalmente, no que dizem respeito aos fatores econômicos, sociais e culturais. Os moradores do município criaram hábitos, costumes com relação à feira, e isto passou de geração para geração, o que ocorreu ao longo de todo o processo histórico do município, e em especial a feira livre. No início era para ser uma forma de sobrevivência de poucas pessoas sem ou com poucas opções de trabalho para adquirir uma renda. Mas a história foi se perpetuando quando no decorrer do tempo esse espaço aos poucos se envolveu por atores sociais tanto da zona urbana como rural do próprio município e de áreas circunvizinhas. Esse espaço transformou-se de maneira discreta, um meio onde foram sendo estabelecida uma diversificação de produtos e objetos, bem como os costumes locais. Estes com uma identidade própria e marcados pela tradição de uma gente que talvez nem tenham percebido a proporção do que construíram na sociedade em que vivem. Porém, não se pode esquecer que apesar do ambiente de relações sociais, de encontros e distração que é estabelecido na feira, ela também é um meio de se obter renda. Muitos dos feirantes complementam sua renda familiar devido a esta, e outros tem como única fonte de renda o trabalho na feira livre. Para que este trabalho se desenvolvesse primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico com assuntos referentes ao tema estudado, em seguida foi pautado o material e método, o qual abordamos a caracterização da área estudada para um melhor conhecimento da mesma, por fim, foi realizada a pesquisa por meio de questionários e entrevistas realizadas com os autores da feira para que pudéssemos chegar aos resultados finais.

Palavras-chave: Feira livre. Feirantes. Consumidores. Cultural. Comércio.

A FREE COUNTY FAIR PUXINANÃ -PB FROM THE ASPECTS AND INFORMAL ECONOMY SOCIOCULTURAL

ABSTRACT

Trade has always developed an important role in the development of cities, and it was no different in the municipality of Puxinanã -PB. The free fair in the city caused changes in several sectors, especially as they relate to economic, social and cultural factors. Residents of the city have created habits, customs with respect to the fair, and it passed from generation to generation , which occurred throughout the historical process of the municipality , and in particular the free show. In the beginning was to be a survival of a few people with no or few job options to acquire an income . But the story was when perpetuating over time this space gradually engaged by social actors both urban and rural areas of the municipality and surrounding areas. This space became discreetly a means where product diversification and objects were being established and local customs. These with their own tradition and marked by a people who may not have realized the proportion who built the society in which they live identity. However, one can not forget that despite the social relations, meetings and distraction that is established at the fair environment it is also a means of earning income. Many of the stallholders supplement their family income because of this, and others whose only source of income work at the open Wednesday. For this work he first developed a literature with issues related to the topic studied then was guided material and method which characterization of the studied approach to a better understanding of it, eventually the area was conducted the survey was conducted through questionnaires and interviews with the authors of the fair so we could get to the final results.

Keywords : Free Fair . Fairground. Consumers . Cultural . Trade .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS DE FEIRA LIVRE NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA INFORMAL	13
1.1 O Espaço da Feira Livre Contextualizado Através do Processo Histórico e das Relações Econômicas.....	13
1.2 Organização Econômica e Social da Feira Livre no Brasil.....	14
1.3 O Comércio Varejista: enfoque a partir da definição do circuito inferior.....	17
2 MATERIAL E MÉTODO	20
2.1 Caracterização da Área de Estudo.....	20
2.1.1 Localização Geográfica.....	20
2.1.2 Fatores Físicos.....	21
2.1.3 Aspecto Histórico.....	21
2.1.4 Dinâmica Populacional e o Índice de Desenvolvimento Humano.....	22
2.1.5 Malha Urbana.....	23
2.1.6 Estrutura Econômica.....	23
2.1.7 Aspectos Educacionais.....	25
2.1.8 Sistema de Saúde.....	25
2.2 Procedimentos Metodológicos.....	26
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES: produção e reprodução espacial da feira livre como processo socioeconômico e cultural no município de Puxinanã/PB	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A feira livre do município de Puxinanã-PB tem um papel importantíssimo no que diz respeito ao desenvolvimento socioeconômico, para os feirantes o comércio ao ar livre é o local onde encontra-se a oportunidade de mostrar toda a força de trabalho e reprodução social de uma população. O objetivo principal desse trabalho consistiu em um levantamento da feira livre do município de Puxinanã-PB a partir dos aspectos sociocultural e da economia informal.

A consolidação deste trabalho teve como eixos de expansão o sistema cultural, social, econômico, além do populacional. Pode-se perceber que o crescimento da cidade considerada de pequeno porte em contraposição à grande do município de Campina Grande. No contexto da Paraíba e do Compartimento da Borborema o município pouco se desenvolveu com relação aos aspectos econômicos, quanto à feira supõe a compreensão de um fenômeno tanto cultural e tradicional como econômico, além de seus rearranjos para a compreensão das feições próprias e atuais da feira que está representada pela própria história.

Esse tipo de comércio existe há bastante tempo, pois são fenômenos sociais e econômicos que estão presentes na cultura de diversos povos. No Brasil, teve início no período colonial, a partir do qual veio se desenvolvendo e aprimorando suas práticas comerciais e mercantis. Sendo importante também ressaltar que as atividades comerciais atingem toda a dinâmica de uma região, não apenas no setor econômico, mas nos setores culturais, políticos, e também nos modos de vida e nas relações dos sujeitos sociais.

No decorrer desse trabalho foi possível entender que a feira expõe de forma geral o espaço onde a cultura popular de toda uma região é vivenciada e interage de modo direto com a realidade que a cerca. No entanto, há uma compressão de que entre as barracas e bancas da feira existe mais do que a comercialização de produtos e objetos, e sim o repasse de conhecimentos, da cultura de um povo humilde, mas rico em sabedoria popular.

Esse estudo nos remete a um levantamento entre feirantes (comerciantes) e clientes (consumidores) que ocupam a área central da cidade, que demonstra todo o processo de mudança que vem ocorrendo de forma nítida ao longo dos anos o que pode ser observado através de imagens antigas e relatos de quem frequenta a feira a bastante tempo, apesar das mudanças sempre foi resguardando o aspecto cultural, no qual permite observar suas transformações, e também os benefícios e desvantagens que trouxe para o município. Transformações estas que ajudaram no desenvolvimento do município em vários os setores principalmente no econômico.

A feira livre de Puxinanã passou por algumas transformações ao longo do tempo, transformações estas que podem ser observadas no seu cenário, produtos que eram comercializados antes hoje não são mais comercializados e vice-versa, a estrutura física também se modificou, no início a maioria dos produtos eram comercializados no chão, com o passar do tempo foram adaptadas bancas de madeira as quais os comerciantes expõem os seus produtos.

Este trabalho tem como objetivo principal discutir os fatores que possibilitaram o surgimento da feira livre de Puxinanã, levantar que são os feirantes e quais os produtos que são comercializados e observar as mudanças ocorridas na feira e sua contribuição para o surgimento de outros pontos comerciais.

1 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS DE FEIRA LIVRE NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA INFORMAL

1.1 O Espaço da Feira Livre Contextualizado Através do Processo Histórico e das Relações Econômicas

A prática da feira livre no mundo é algo bastante antigo, embora não se saiba precisamente quando e onde tenham surgido as primeiras feiras, acredita-se que tenha se consolidado na Idade Média entre os povos romanos e gregos, porém em alguns registros decorrentes da história econômica, identificam que a ocorrência em espaços livres datam de 500 A.C. Esses povos se reuniam principalmente nos parques e nas praças das cidades para a prática de comercialização, por meio das feiras livres. Para muitos autores, como Sousa (2004) & Moreira (2005) a principal causa do surgimento dessas feiras foi à formação de excedentes de produção, onde se teve a necessidade de escoamento de mercadorias.

Para Boechat e Santos (s/d: 2/3), as feiras livres apresentam uma dinamicidade do espaço histórico, no qual os mesmos afirmam que:

Desde o seu surgimento, a feira livre é um local de relações econômicas, sócias e culturais o tornado um lugar de construção de espaço e identidade, relacionamento intimamente com todos os seus agentes partícipes. Estas relações modificam o contexto histórico momentâneo e definitivo, bem como criam sempre algum tipo de relação identitária.

Desde a antiguidade, as feiras têm como principal objetivo promover trocas de mercadorias entre pessoas de diferentes lugares, com diferentes produtos, com a principal finalidade de suprir as necessidades pessoais de cada indivíduo. A partir da queda do feudalismo e o surgimento do capitalismo, esse modo de comércio começou um processo de sistematização e passou a ganhar uma nova importância econômica.

Logo após, o processo de transição do modo de produção feudal para o capitalismo comercial, surge uma economia de produção de determinados artigos que era feito em escalas bem maiores do que a necessária a sua manutenção, os povos, então retiravam o que eram destinados ao seu consumo e o restante trocavam por outras mercadorias que eles precisavam, mas que, no entanto, não produziam. Essa troca era denominada escambo que significa a troca, ora por mercadorias, ora por trabalho. Nos dias atuais, essa modalidade é mais conhecida como a economia baseada em moedas. Sobrevivendo ainda em regiões pouco desenvolvidas, onde impera principalmente a subordinação econômica.

Fonte: BOECHAT, P. T. V. e SANTOS, J. L. *Feira Livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias*. Disponível: www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf. Acesso: 09/08/2013. 11p.

Com o crescimento e expansão das feiras livres, surgem os atores sociais como o comerciante e o consumidor, ou seja, o que vende e o que compra, iniciando-se assim, a então divisão social do trabalho. Que segundo percussores da teoria marxista relatam que a matéria sobre Divisão Social do Trabalho (DST), que foi fomentada e tem sido usada no sentido cunhado por Karl Marx (1818-1883) e também referendada por autores como Braverman (1981) e Marglin (1980) para designar a especialização das atividades presentes em todas as sociedades complexas, independente dos produtos do trabalho circular como mercadoria ou não (PIRES, 2007). Os autores citados designam a divisão do trabalho social em:

Marx, em O Capital (1982), diz que a ‘divisão social do trabalho’ diz respeito ao caráter específico do trabalho humano... A produção da vida material e o aumento da população geram relação entre os homens e divisão do trabalho... Essa capacidade de produzir diferentes coisas e até de inventar padrões diferentes dos animais não é possível ser exercida individualmente, mas a espécie como um todo acha possível fazer isso, em parte pela divisão do trabalho (apud PIREs, 2007: 3).

Uma vez que, o seu início as feiras livres têm como principal objetivo a troca de mercadorias, sendo essas mercadorias bem diversificadas, e tendo como prioridade suprir as necessidades particulares de cada sociedade. Posteriormente vai haver uma mudança nesse caráter, onde as trocas, agora se dão de mercadorias por dinheiro. Conforme Corrêa (1995), esse sistema comercial surgiu com pouca importância, porém com o tempo foi ganhando destaque, e estabelecendo uma necessidade natural a um tipo de comércio que fornecesse a toda população práticas comerciais mais acessíveis em todos os seus aspectos, a contar do econômico, passando pelo cultural até chegar ao social, por meio das relações sociais e identitárias.

1.2 Organização Econômica e Social da Feira Livre no Brasil

A feira livre no Brasil começou praticamente com o primórdio de sua própria história. Ainda no período do Brasil colônia, elas foram surgindo e cada vez mais se expandindo, onde teve importante papel de organização social e econômica da população brasileira. Passou a ganhar destaque na economia com o surgimento do capitalismo, onde essa prática comercial crescia de forma considerável, tendo participação determinante na implantação do dinheiro, na manutenção do sistema capitalista e na formação das cidades (BOECHAT E SANTOS, s/d).

Na atualidade em plena era da evolução de grandes tecnologias, de uma economia globalizada, as feiras continuam firmes e com importante destaque sociocultural que caracteriza regiões e realidades diferentes nos vários aspectos econômicos, sociais, culturais e

políticas regionais e regionalidades brasileiras. A feira livre no Brasil é caracterizada pela sua linhagem de mercado varejista ao ar livre, de ocorrência semanal, e está organizada como serviço de utilidade pública pela sua atuação tão importante e significativa na cidade. Essa forma de comercialização recebeu certa influência europeia, principalmente, de países como Portugal e Espanha, e também de países africanos, está presente na maioria das cidades brasileiras, onde é marcante e evidente a mistura de comércio com a cultura de cada lugar.

Apesar de políticas públicas adversas que tiveram de enfrentar nos últimos anos, políticas essas que criticava e procurava combater várias práticas existentes nas feiras, com um propósito de uma possível extinção das mesmas, as feiras continuam firmes e com papel importante na sociedade devido a alguns fatores existentes, como o econômico, cultural, entre outros (SANTOS, 2004).

Outro tipo de feira que merece destaque são as feiras de gado que surgiram por volta do século XVII, o gado que vinha da zona rural era trazido para as cidades, principalmente as nordestinas, onde eram engordados e comercializados, porém a feira de gado geralmente só era realizada uma vez no ano, por esse motivo atraíam um grande número de pessoas das mais diversas localidades, tanto de compradores como de vendedores. A feira de gado se transformava em um evento a parte, a qual era esperada por todos ansiosamente e com grandes perspectivas de se fazer um bom negócio, pois era uma oportunidade quase que única.

Em meados do século XX as feiras livres dominavam a maior parte do comércio das cidades brasileiras, provocando assim, a falência de vários estabelecimentos comerciais, o que fez aumentar as disputas comerciais entre feirantes e os donos de estabelecimentos. Observando assim, um processo de mudança nas feiras livres de práticas comportamentais diferentes das exercidas anteriormente. Vale ressaltar que o conflito entre feirantes e comerciantes de outros seguimentos não se limitam apenas a fatores de ordem econômica e jurídica-política.

Pois, para muitos a imagem que se tinha da feira era do desconforto, do informal, do transtorno, da desorganização, da falta de higiene, do barulho, da bagunça, enquanto que os estabelecimentos fixos eram vistos como um lugar moderno, seguro, confortável, de boa higiene.

Um fato predominante nesse tipo de comércio é a autonomia da força de trabalho, quer dizer, o pequeno comerciante trabalhava em prol de sua subsistência e da família, algo comum que ocorre com quase todos os que trabalham nos dias recorrentes nas feiras livres no

Brasil. O destaque para essa autonomia é justamente a presença da família atuando nessa atividade, junto com o chefe de família.

Essa participação se tornou muito importante, pois além de ajudar na venda sem que seja necessária a cobrança de um pagamento pelo trabalho realizado, sua atuação passou a evitar a contratação de terceiros, o que aumentaria a margem de *lucro*, uma vez que não existiriam funcionários a serem pagos (BOECHAT E SANTOS, s/d). Quando existem casos em que o comerciante trabalha para outra pessoa, é comum que o contrato de trabalho se dê na forma de um acordo pessoal entre quem deseja adquirir a mão de obra e o que deseja vender sua força de trabalho.

Para SANTOS (2005), a feira assume um formato, tradicionalmente conhecido, de varejo, expresso em vias públicas, mas em determinada localização ou ponto de ocorrência, onde existe um fluxo constante de pessoas e capital. Sua realização ocorre sempre em dias específicos da semana, em caso de cidades de porte menores, sua ocorrência se dar geralmente em um único dia da semana, e talvez, a sua principal característica coincide com a forma em que ela se encontra organizada espacialmente.

Passamos do século no XX para o XXI com feiras típicas de séculos anteriores, bem como o do período colonial. Esse tipo de feira livre trata-se de um amontoado de bancos e barracas, que são instaladas uma ao lado da outra, onde são expostos os produtos que estão à venda. Por se tratar de um espaço aberto e de fácil acesso para a população, essa forma de comércio no varejo possibilita um contato direto entre o comprador e o vendedor, resultando numa negociação do custo dos produtos e também na livre escolha, o que resulta na redução dos preços e conseqüentemente numa venda maior. Tomando por base Santos (2005: 38),

A feira livre oferece a possibilidade do consumidor comparar preços entre diferentes comerciantes da mesma mercadoria ao mesmo tempo, e sem ter que se deslocar a uma distância que chega até mesmo a quilômetros, como acontecem entre supermercados, por ficarem distantes uns dos outros. Tal fato dificulta a pesquisa de preços ou a torna inviável para o consumidor. Assim a feira livre acaba competindo com o supermercado, porque oferece preços mais acessíveis, e isso agrada ao consumidor.

No entanto, a feira vem sobrevivendo ao longo dos anos e mantém-se na maioria das vezes como única forma de sobrevivência para várias famílias no Brasil, especialmente em cidades de pequeno porte, como as do Nordeste, principalmente para famílias de agricultores que veem na feira a única maneira de comercializar o que é produzido em suas terras e assim obterem os lucros desejados.

A feira vem lutando contra o processo de negação da rua, o qual marcou a urbanização brasileira nos últimos tempos. Trata-se não só em garantir o sustento das famílias que

necessitam do trabalho na feira, ou de oferecer ao consumidor mais uma opção para aquisição dos mais diversos produtos. Mas sim uma forma de preservar a rua como um lugar de relações. De preservar uma tradição popular tão forte e marcante como é a feira livre na maioria das cidades brasileiras (SANTOS, 2005).

1.3 Comércio Varejista Sob a Perspectiva do Circuito Inferior da Economia

A elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, de uma necessária economia de mercado, por mais incipiente que seja, geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial e social do trabalho. De outro, deriva de elevadas densidades demográficas associadas a uma estrutura agrária calcada no pequeno estabelecimento rural ou em *plantations* caracterizadas pelo trabalho intensivo. Decorre, então, uma grande demanda de bens e serviços caracterizados por limitados alcances espaciais mínimo e máximo, responsáveis pela relativa proliferação de inúmeros centros de mercado no espaço. A pequena mobilidade implica a ampliação, ainda mais, do número de pequenos centros de mercado (CHRISTALLER, 1966 apud CORRÊA, 1995: 17).

Concomitantemente, ao número de pequenos centros de mercado surge o comércio varejista integra funções de procura e seleção, aquisição, distribuição, comercialização e entrega de produtos, sendo tradicional absorvedor de mão de obra, historicamente, menos qualificada que a empregada no setor industrial, caracterizando-se pela alta rotatividade de postos de trabalho, conforme o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES, 2007). Já para Bezerra (2011: 8), o varejo é:

Um ramo da economia que se caracteriza por atividades de negócios que vendem produtos, bens ou serviços aos consumidores finais, em sua muitas peculiaridades como alta rotatividade e competitividade, assim como, as margens pequenas e baixa barreira de entrada. As muitas variáveis econômicas, sociais e demográficas são outras características que influem diretamente no setor. As estratégias mercadológicas nas suas mais variadas vertentes são consideradas de fundamental importância para que muitas empresas de pequeno varejo se sobressaiam no mercado.

Assim as feiras livres encontram-se inseridas no pequeno comércio varejista nas pequenas, médias e grandes cidades do Brasil, em que ainda precisa buscar se adequar as ferramentas de gestão estratégicas para sobreviver no competitivo mercado local e assim aumentar sua margem de rentabilidade. É necessário que os pequenos e médios varejistas estejam dispostos a adotar alternativas para manutenção e crescimento em relação a competitividade mercadológica no período atual da era global ou dos mercados globalizados (BEZERRA, 2011: 8).

O período atual da globalização define possibilidades de contatos múltiplos entre cidades de todas as dimensões e define uma simultaneidade de comunicação ou uma rede intrincada de relacionamentos, rompendo as estritas hierarquias e, portanto,

deve determinar a reconsideração das hierarquias como tradicionalmente propostas: há elos financeiros de agentes financeiros internacionais e toda e qualquer cidade.

O planejamento nacional foi substituído por planejamentos estratégicos, envolvendo redes de cidades; cidades estas de mais de um tamanho, num elo direto, sem intermediações assentadas nas hierarquias. Milton Santos (2004) em *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*, fala da explosão das mesmas, com a globalização.

O termo economia informal refere-se às práticas econômicas que não são abrangidas devido à legislação ou a prática, pelas disposições formais do processo de globalização, em que envolvem as redes de cidades, indiferentemente do tamanho da malha urbana, na qual comporta produtos nas diversas formas, além dessas apresentarem uma forma de comércio varejista nos moldes do circuito inferior da economia, como exemplo as feiras livres, também denominadas de economia comercial em espaços públicos abertos.

Sabe-se que o processo modernizador não se realiza da mesma forma em todos os lugares. Tem-se que, nas pequenas cidades, ele se poderia apresentar mais residualmente. Contudo, enquanto tal, de modo imanente, o processo do capital põe as diferenças temporais e espaciais: formas pré-capitalistas de produção ou não capitalistas o tempo todo são reproduzidas, simultaneamente, ao modo de produzir especificamente capitalista. A divisão social do trabalho se desdobra numa divisão territorial do trabalho, em que momentos diferentes do processo estão se realizando em diferentes lugares, pondo, assim, diferenças sociais e econômicas. Nesse caso, a análise não é a da existência de descompasso entre o que é mais ou menos moderno (DAMIANI, 2006: 4).

Mesmo vivendo uma atualidade moderna, nem todos os espaços se modernizam ficando muitos a mercê de uma economia tradicional calcada em uma trajetória peculiar a própria história – o comércio varejista das feiras livres na perspectiva informal. Para Santos (2004), embora não haja uma definição exata do que seria uma *economia informal* pode-se descrevê-la como algo que engloba uma grande diversidade de trabalhadores, os quais com uma identidade bem particular (desde o pequeno até o médio comerciante), e que enfrentam inúmeros problemas para se manter economicamente ativos nessa área mercadológica.

São atividades que estão fora do âmbito da legislação, o que significa que estes trabalhadores exercem suas atividades de forma clandestina. Esses trabalhadores sofrem com a falta de direitos, o que traz uma grande instabilidade, sendo constantemente atingidos pela falta de trabalho e conseqüentemente passando por dificuldades financeiras. No entanto, vale ressaltar que os trabalhadores da economia informal produzem produtos e serviços legais, por mais que não estejam em conformidade com os procedimentos legais (SANTOS, 2005).

Para Damini (2006), a produção e reprodução contínuas da escala espacial e comercial das cidades brasileiras em conformidade os tempos atuais de globalização tem levado muitos desses espaços a ingressarem num mundo informal Na qual a referida autora expressa tanto a

disputa social quanto geográfica para estabelecer fronteiras entre diferentes lugares, localizações e sítios de experiência.

A construção do lugar implica a produção da escala, na medida em que os lugares são diferenciados uns dos outros; a escala é critério de diferença não tanto entre lugares como entre tipos diferentes de lugares a escala geográfica é hierarquicamente produzida como parte das paisagens sociais e culturais, econômicas e políticas do capitalismo e do patriarcalismo contemporâneos.

A questão é justamente não *congelar* um conjunto de escalas como blocos de uma política especializada, mas compreender os meios sociais e os propósitos políticos mediante os quais e para os quais esse congelamento das escalas, todavia, realizado, embora transitoriamente. É melhor conceber essas diferentes escalas como encaixadas em vez de hierarquizada, pois a ordenação hierárquica das escalas é séria candidata à abolição numa geografia social revolucionada (SMITH, 2000: 142/144 apud DAMIANI, 2006).

Pode-se assim afirmar de maneira veemente popular, que a economia informal é uma forma de abolição da divisão social do trabalho. Quando muitos trabalhadores decidem deixar o sistema da economia formal para angariar sua própria autonomia trabalhista. Esse tipo de negócio é muito comum nos centros urbanos nordestinos, em decorrência dos migrantes quando retornam para a sua cidade natal abrirem seu próprio negócio, mesmo nos moldes da informalidade. O informal sempre traz a ideia do ilegal, inseguro, incerto, não sendo diferente na economia, onde ela não é vista de forma positiva por boa parte das pessoas.

Essas disparidades de renda são menos importantes nos países desenvolvidos e influencia muito pouco o acesso a um grande número de bens e serviços. Ao contrário, nos países subdesenvolvidos varia muito. O nível de renda também é função da localização do indivíduo, o qual determina, por sua vez, a situação de cada um como produtor e como consumidor (SANTOS 2004).

Os trabalhadores informais estão em uma estratégia de sobrevivência, devido às condições de mau funcionamento da economia, o que seria uma questão de adversidade entre expansão econômica e informalidade. Na verdade é que não há como mensurar a estratégia dos indivíduos. No entanto por mais que houvesse, como por exemplo, o nível de satisfação com o negócio, não existiria uma totalidade de indivíduos em outra estratégia.

É possível perceber inúmeras das características que Milton Santos usa para definir em um circuito inferior da economia. Notadamente, a remuneração da atividade praticada é relativamente abaixo do esperado, situando-se num limite mínimo do recomendado, sendo que apresenta custo não fixo, ou seja, há uma variância de lucro a depender do movimento e da procura dos produtos que está sendo comercializado.

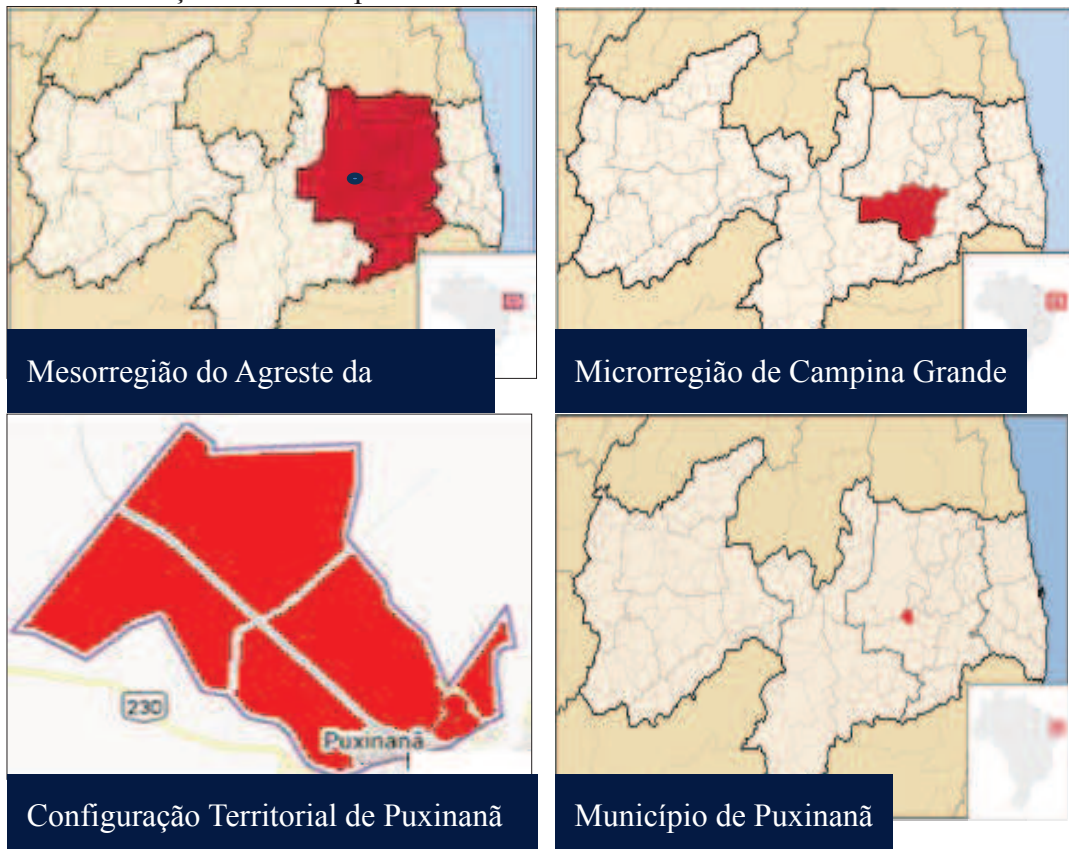
2 MATERIAL E MÉTODO

2.1 Caracterização da Área de Estudo

2.1.1 Localização Geográfica

O município de Puxinanã localiza-se no Nordeste brasileiro, na área geográfica de abrangência do Semiárido nordestino, na mesorregião do Agreste Paraibano, situado na Microrregião de Campina Grande, Estado da Paraíba. Localizando-se em terras correspondentes ao Planalto da Borborema, com uma área de 73 km², representando 0.1305% do Estado, 0.0047% da região e 0.0009% de todo o território brasileiro (CPRM, 2005 & IBGE, 2010) (Figura 1).

Figura 1: Localização do município de Puxinanã no Estado da Paraíba



Fonte: IBGE (2010)

Sua posição geográfica está determinada pelos paralelos 07° 09' 39" de Latitude Sul e 35° 57' 39" de Longitude Oeste. Limita-se com os municípios de Campina Grande (13 km) ao Sul, Massaranduba (20 km) e Lagoa Seca (12,5 km) a Leste, Montadas (7 km) ao Norte e Pocinhos (25 km) a Oeste. A sede do município está localizada no Planalto da Borborema,

estando a uma altitude de 657 metros em relação ao nível do mar, encontrando-se cerca de 150 km da capital do Estado - João Pessoa (IBGE, 2010).

2.1.2 Fatores Físicos

O município de Puxinanã está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros. O relevo é geralmente movimentado, com vales profundos e estreitos dissecados. Com respeito à fertilidade do solo é bastante variada, com certa predominância de média para alta (CPRM, 2005).

A vegetação dessa unidade é formada por florestas subcaducifólia e caducifólia, próprias das áreas agrestes. O clima do município é do tipo tropical semiárido. A temperatura média anual oscila em torno de 24°C. O período chuvoso começa no mês de março estendendo-se até julho ou agosto, situado no fuso horário UTC-3.

O município Puxinanense encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Paraíba, região do Médio Paraíba. A unidade é recortada por rios perenes, porém de pequena vazão e o potencial de água subterrânea é baixo Seu principal tributário é o Rio Cruzeiro. Todos os cursos de água tem regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico (CPRM, 2005).

2.1.3 Aspecto Histórico

O município de Puxinanã surgiu através da construção de uma barragem e aos poucos foi crescendo e ocupando espaços. Foi o governador João Suassuna, em 1924, quem autorizou a construção daquela obra que servia para o abastecimento d'água de Campina Grande. Antes da construção da barragem, existiam ali duas casas pertencentes a José Fidélio e Severino José de Melo, além de alguns sítios mais distantes como os de Antônio Gomes do Nascimento e da família Pereira, de quem o governador adquiriu o terreno para fazer o açude.

Com o projeto para ser iniciado, chegou ao local o engenheiro Rômulo Campos para a realização de estudos mais específicos e a implantação do canteiro de obras. A Igreja que é hoje a matriz do município foi doada por Antônio Gomes do Nascimento e começou a ser construída no ano de mil novecentos e cinquenta e cinco. Dando-se início à construção da barragem, ali chegaram muitos trabalhadores que começaram a estabelecer-se e a construir suas casas, formando o que se poderia chamar o início de uma povoação.

Com o desenvolvimento da povoação, muitos habitantes começaram a lutar pela emancipação política do povoado. Entre esses bravos pioneiros da emancipação, podemos citar a família Zoroatro Coutinho, Justino de Azevedo, Pedro Rodrigues Sobrinho. Graças ao empenho de todos, a emancipação veio a onze de dezembro de mil novecentos e sessenta e um através da Lei número dois mil seiscentos e onze. A origem do nome da cidade veio através do termo “cheiro de lagoa” que batizou a cidade em tupi-guarani, Puxi=local de lagoa e Nanã=cheiro, assim surgiu o nome de Puxinanã.

Fonte: CITYBRAZI. *A Cidade de Puxinanã no CityBrasil*. Disponível: www.citybrazil.com.br/pb/puxinana/historia/php. Acesso: 08/07/2013.

2.1.4 Dinâmica Populacional e o Índice de Desenvolvimento Humano

De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, a população residente do município de Puxinanã foi estimada em 12.923 habitantes, sendo que desse total 6.567 são mulheres e 6.356 são homens, representando uma densidade demográfica de 177,81. A maioria dessa população vive na zona rural, cerca de 9.621 pessoas, e apenas 3.302 residem na zona urbana.

Na atualidade, o município Puxinanense vem registrando bom crescimento populacional, na última década cresceu cerca de 7,91%. Apesar de ocorrer certa evasão populacional, principalmente causada pelo êxodo rural, isso não impediu que a população do município crescesse, por mais que seja de forma tímida, esse crescimento vem ocorrendo.

Conforme dados do Censo Demográfico de 2010, a população residente do município de Puxinanã apresenta quanto à religião a seguinte quantidade: católica apostólica romana, 10.835 pessoas, a espírita, 16 pessoas e evangélicas, 1.567 pessoas, tendo uma representatividade bem significativa, quanto à religião católica.

O IDH significa Índice de Desenvolvimento Humano, uma medida importante concebida pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2000) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população (Tabela 1).

Tabela 1: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Município de Puxinanã

IDH	Ano - 1991	Ano - 2012
IDH-M (Média)	0.519	0.628
IDHM-L (Longevidade)	0.578	0.655

IDHM-E (Educação)	0.519	0.738
IDHM-R (Renda)	0.461	0.490

Fonte: PNUD, 2000& FAMUP, 2012.

Esse índice apresenta-se, segundo a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (FAMUP, 2012) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2000), demonstram que Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.628, o Índice de Esperança de Vida (IDHM-L) é de 0.655, o Índice de Educação (IDHM-E) é de 0.738 e o Índice de Produto Interno Bruto (IDHM-R) é de 0.490, como pode ser visto através da tabela acima, esses dados demonstram que a evolução desse índice entre o ano 1991 a 2012, que em todos os itens do IDH ocorreram crescimento de 1991 a 2012, mesmo que se forma discreta.

2.1.5 Malha Urbana

O município de Puxinanã ocupa uma área de 113 km², a qual está dividida em zona urbana e zona rural, onde a zona rural ocupa a maior parte do município, ficando a zona urbana com uma pequena porção da área. Na zona urbana encontra-se a prefeitura municipal, o comércio, a igreja matriz da cidade, a praça local, o posto de saúde, entre outras instituições municipais.

A maioria das ruas puxinanenses é asfaltada, porém muitas se encontram com o serviço precário precisando ser renovado este serviço, e outras o projeto de pavimentação nunca saiu do papel. A PB-115, Rodovia Antônio Verissimo de Souza, liga a Entrada da BR-230 a cidade de Puxinanã em uma distância de 6,3Km, desta última até a cidade de Montadas em um trecho de 7,3km e desta por sua vez a Entrada da PB-121 com uma distância de 1,7 km. O acesso entre Puxinanã e as demais cidades circunvizinhas é feito através de estradas rurais, sendo que algumas estão em péssimas condições, o que dificulta o trajeto.

2.1.6 Estrutura Econômica

Na maioria das pequenas cidades nordestinas, a vida de relações é comandada pelo campo, e isso não é diferente na cidade de Puxinanã, onde a indústria tem uma participação incipiente no seu crescimento e desenvolvimento econômico. A prática da agricultura é forte na região, e conseqüentemente uma população com um grande número de agricultores, os quais na maioria tiram o seu sustento apenas das atividades rurais, ou seja, da agricultura familiar.

Vale destacar que o surgimento de novas estruturas de comércio, como as farmácias, lojas de tecidos, miudezas em geral entre outros, vem crescendo na cidade e ganhando certa importância na economia local, permitindo assim, a supressão de necessidades fundamentais aos moradores. O pequeno crescimento comercial da área central de Puxinanã ocorre através das interações com os maiores centros, como Campina Grande, e também com os distritos e as zonas rurais do seu entorno.

No que diz respeito à indústria o município ainda é carente, valendo ressaltar que no fim da década de 1990 foi implantada uma fábrica de calçados na cidade, o que proporcionou novas perspectivas no crescimento econômico local, impulsionando a empregabilidade para seus moradores, e também pessoas de outras localidades.

Porém, devido à falta de investimentos governamentais e dificuldades de se crescer financeiramente nessa região, a fábrica foi fechada, assim a questão industrial voltou ao mesmo patamar, e conseqüentemente boa parte da população voltou a procurar alternativas de empregos em outras cidades, como Campina Grande.

Segundo dados do IBGE (2010), os valores do rendimento médio mensal da população residente por situação de domicílios urbano e rural do município de Puxinanã demonstrado através da Tabela 2, revelou que o mesmo apresenta uma baixa renda familiar.

Tabela 2: Valor do Rendimento Mensal Domiciliar e Per Capita

Rendimento Mensal Domiciliar	R\$
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Rural	927.29
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Urbana	1.152,89
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Rural	207.33
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Urbana	335.38

Fonte: IBGE, 2010.

Atualmente o município desfruta de um comércio razoável para o tamanho do município, que permite o suprimento de necessidades fundamentais aos seus moradores, oferecendo-lhes uma qualidade de vida boa, se comparada com cidades de mesmo porte e da mesma região da Borborema e do Estado da Paraíba. Segundo Silva (2012), conclui-se que a agricultura e a pecuária, seguidas pelo comércio, constituem as principais atividades econômicas de Puxinanã. Portanto, o município não apresentando mais indústria, o que limita sua expressividade econômica, tanto no quesito produção, como o de empregabilidade.

2.1.7 Aspectos Educacionais

O município de Puxinanã conta com um número de 35 escolas, deste total, 24 são municipais, 6 são escolas estaduais e 5 são particulares. Do total de escolas, 28 estão localizadas na zona rural do município e 7 na zona urbana. Com relação ao número de estudantes, professores e as matrículas efetuadas no município, pode-se observar esses dados através da Tabela 3, conforme levantamento realizado pelo IBGE no ano de 2010 (PESSOA, 2012).

Tabela 3: Número de Alunos Matriculados e Docentes

Tipo de Escola	Nº de Alunos Matriculados	Nº de Docentes
Escola Pública Municipal	3.151	140
Escola Pública Estadual	2.197	90
Escola Pública Federal	0	0
Escola Privada	392	35
Total	5.740	265

Fonte: IBGE, 2010.

Os dados da tabela acima mostram que até o ano de 2010, 5.740 crianças, adolescentes, jovens e adultos puxinanenses de um número total de 12.923 habitantes do município encontravam-se matriculados nas escolas, isso incluindo os três níveis de ensino: pré-escolar, fundamental e médio. De forma geral, Puxinanã como a maioria dos municípios brasileiros apresentam problemas estruturais, administrativos, físicos e gestor quanto à instituição educacional, no entanto de acordo com dados do IBGE (2010), cerca de 9.678 pessoas de Puxinanã de um total de 12.923 habitantes sabem ler e escrever, ou sejam, são alfabetizadas.

2.1.8 Sistema de Saúde

Quanto ao sistema de saúde de Puxinanã, segundo a Pesquisa da Assistência Médica Sanitária, realizada pelo IBGE no ano de 2009 e publicada em 2010, o município conta com um total de 14 estabelecimentos de saúde. Desses, 13 é público, sem fins lucrativos e 1 privado, com fins lucrativos, mas ambos sem leitos para internação. Conforme a referida pesquisa, o município conta apenas com um estabelecimento com apoio à diagnose e terapia (privado), 13 públicos com atendimentos gerais, que prestam serviço através do Sistema Único de Saúde (SUS) Ambulatorial, assim discriminados:

- 1 estabelecimento de atendimento ambulatorial sem médico;

- 12 estabelecimentos de atendimento ambulatorial com médico em especialidades básicas clínicas gerais;
- 3 estabelecimentos com atendimento ambulatorial com atendimento odontológico com dentista;
- 1 equipamento de eletrocardiógrafo.

Portanto, não dispõe de Hospital Municipal nem Estadual, mas por sua vez apresenta 13 postos de saúde, todos mantidos e supervisionados pela Prefeitura Municipal e pelo Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde, além da unidade de saúde particular, localizado na zona urbana e um Programa de Saúde da Família (PSF), com uma equipe formada por clínico geral, enfermeiro, técnicos em enfermagem, dentista, auxiliar de consultório dentário, psicólogo, assistente social entre outros (SECRETARIA DA SAÚDE/PMP, 2013).

Como não há estabelecimentos com atendimento ambulatorial e internação, ou seja, um hospital para atender a população que requerem maiores cuidados, esses são encaminhados para a cidade de Campina Grande, por meio dos diagnósticos realizados pelos médicos e enfermeiros que atuam no referido município, especialmente para os hospitais públicos, como FAP, Trauma, Antônio Targino, Maternidade Elpidio de Almeida entre outros.

2.2 Procedimentos Metodológicos

Para chegar aos resultados e as discussões propostos neste estudo, primeiramente foi necessário realizar um levantamento bibliográfico através de pesquisa documental, junto a bibliotecas, acervos particulares e institucionais, além do portal do CNPQ – o Domínio Público, que abordam o tema referenciado como artigos, livros, reportagens, papers entre outros, que trataram sobre assuntos referentes as feiras-livres, assim busca-se fundamentar o trabalho a partir de atores que abordaram essa temática.

A segunda parte foi pautada no material e método, onde foi destacado: a caracterização da área de estudo como localização geográfica, fatores físicos, aspecto histórico, dinâmica populacional, índice de desenvolvimento humano, malha urbana, estrutura econômica, aspectos educacionais e sistema de saúde, todas essas questões levantadas contribuíram para conhecer melhor o município, e assim, desenvolver de forma mais eficiente o estudo realizado.

A terceira parte que correspondeu a pesquisa por meio da aplicação de questionários e

entrevistas realizadas com os feirantes e frequentadores da feira, o qual foi de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. Esse método é uma das práticas mais consistente e real dos resultados em decorrência de levar o pesquisador o mais próximo possível dos atores envolvidos e na busca da realidade vivenciada por esses.

Conseqüentemente essa prática favorece chegar a dados mais precisos, como por exemplo, o que é comercializado na feira, origem dos produtos, perfil dos feirantes e consumidores, entre outros fatores. Para chegar a esses resultados só foi possível em decorrência da pesquisa direta (*in loco*).

Na pesquisa de campo foram aplicados 2 (dois) tipos de questionários, 1 (um) com os feirantes, totalizando 25 (vinte e cinco) e o outro com os frequentadores (consumidores) da feira, sendo este representado por 40 (quarenta) entrevistados. A maioria das perguntas foram fechadas, com algumas alternativas, porém houve a necessidade de se colocar alguns questionamentos abertos para uma melhor compreensão mais subjetiva, e dar mais ênfase aos resultados obtidos na pesquisa. Nesse último item, também foram realizadas a técnica da fotografia (imagem visual) da feira livre de Puxinanã, onde pode-se observar a paisagem e a dinâmica espacial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES: produção e reprodução espacial da feira livre como processo socioeconômico e cultural no município de Puxinanã/PB

Tomando como base o estudo realizado por Guimarães (2010), num artigo intitulado *A Feira Livre na Celebração da Cultura Popular*, a mesma diz que: *As primeiras referências às feiras livres aparecem em meio ao comércio e às festividades religiosas. A própria palavra latina feria, que deu origem à portuguesa feira, significa dia santo, feriado.*

Ainda a autora disserta que as feiras livres são:

Esses eventos têm origem na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. Quando os camponeses não conseguiam vender nos mercados a produção excedente, trocavam por outros produtos nas ruas a um preço mais baixo. Com isso, as trocas comerciais realizadas nos centros urbanos possibilitaram a padronização dos meios de troca e comércio.

Já para Trevisan (2008: 45), situa-se nesse contexto a feira livre com suas especificidades, características e importância para a economia e cultural local e regional dos municípios do Brasil, em especial da região Nordeste.

As feiras chegam ao Brasil com os Portugueses, baseadas nas feiras europeias. Constituinte uma inovação em nossas terras, já que para o nativo esta forma de comércio é totalmente estranha, pois estava acostumado à troca. As primeiras feiras no Brasil são originadas das necessidades da população colonizadora que aqui chegou para apropriar-se e ocupar imensos espaços decorrentes da conquista portuguesa; como nossa colonização foi baseada na exploração, e que uma das primeiras formas de colonização que fez uso do solo foi à plantação de cana-de-açúcar, já citada por seu exclusivismo, os colonizadores vão buscar formas de trazer os alimentos e utensílios para esta população.

A feira livre do município de Puxinanã mostra-se ao longo da história relações entre a esfera econômica, comercial, social além da cultural, pois apresenta uma relação afetiva (cotidianidade) com a história do próprio município, como acontece em grande parte dos municípios brasileiros, que surgiram através da movimentação comercial. A feira do município consiste em modo de vida com procedência periódica de comércio varejista extensamente desordenada pela cidade, desempenhando fundamental papel no abastecimento sobre do urbano e rural do próprio município, além de outros circunvizinhos, sobretudo na esfera alimentar (Figuras 2 e 3)¹.

¹ Todas as figuras (fotográficas são de autoria do próprio autor, 2013).



Figura 2: Comércio varejista da feira livre



Figura 3: Comercialização de frutas

No entanto, Puxinanã tornou-se um espaço de difícil compreensão devido aos seus diferentes usos por diferentes áreas, principalmente na região mais central da cidade, na qual pode ser observada uma significativa tendência para a comercialização de produtos e objetos diversos realizados na feira livre, fazendo com que se firme numa relação de trabalho e pouco desenvolvimento, já que a maioria dos comerciantes e frequentadores apresenta baixa renda econômica (Figuras 4 e 5).

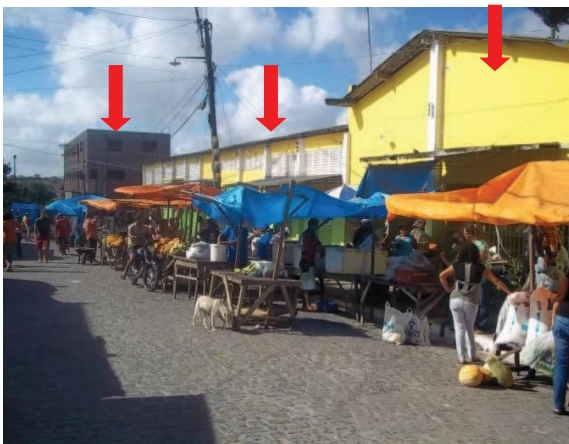


Figura 4: Barracas montadas em frente a prédios



Figura 5: Barracas montadas em frente a prédios

Logo de início, a feira livre de Puxinanã confunde-se com a fundação do próprio município, devido ao fato da cidade antes ter sido um pequeno povoado. Mesmo enquanto povoado, no atual município já era possível encontrar comerciantes expondo os seus produtos em algumas partes do vilarejo, logo esse número de comerciantes viria a aumentar formando uma pequena feira livre, que com o passar dos anos tornou-se um município independente de Pocinhos no ano de 1962, quando foi emancipado.

Esses comerciantes trabalhavam em dias alternados e também não existia um horário fixo para o início e término da feira, com o tempo os vendedores começaram a perceber que

certos dias e horários vendiam mais que em outros. Devido às essas circunstâncias os feirantes sentiram a necessidade em ter um dia e horário fixo para a comercialização de seus produtos, optando pela segunda feira; dia este que até hoje é o “*dia de feira livre*, popularmente conhecida como feira municipal de Puxinanã (Figuras 6 e 7)”.



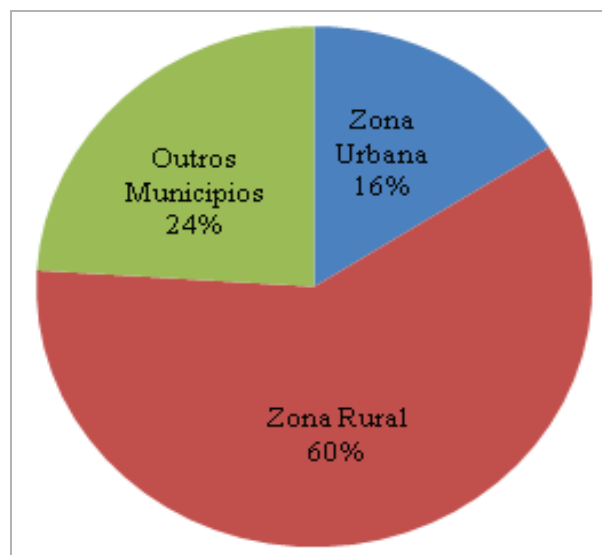
Figura 5: Feirantes na área central da feira – segunda



Figura 6: Consumidores na área central da feira –

O dia de feira é uma verdadeira festa para todos aqueles que frequentam esse local, tanto para os moradores da zona urbana quanto para os da zona rural e os das cidades circunvizinhas, os quais lotam as principais ruas da cidade num âmbito de relações além de econômica sendo também cultural (Gráfico 1).

Gráfico 1: Procedência da maioria dos clientes



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

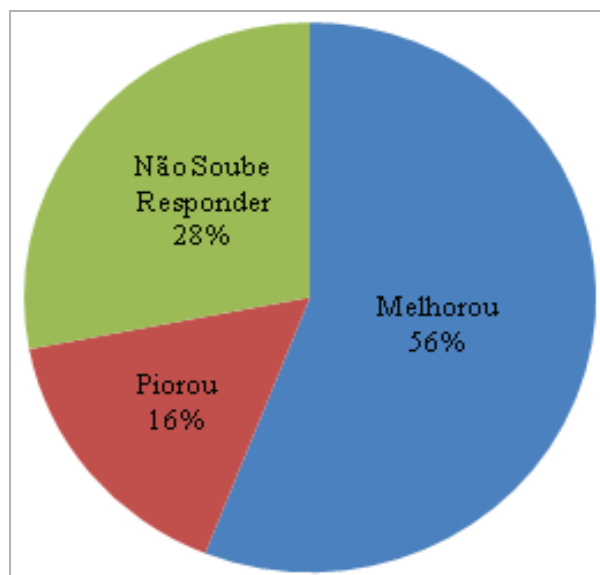
Conforme o Gráfico acima se pode observar que a maioria dos atores que se encontram inseridos nessa dinâmica populacional e cultural, representam 60% dos moradores da zona rural, conseqüentemente seguido pelos da zona urbana e de outros municípios,

compondo 40%. Ao longo da história puxinanense, a feira local sempre desempenhou um papel importantíssimo na vida cotidiana dessa população. Sendo este município tipicamente agrícola. Há de se identificar na feira não apenas uma instituição formal de abastecimento, mas uma atividade de formação socioeconômica. Conforme Britto (2007: 20), adaptando a cidade de Puxinanã essa:

Foi, aos poucos, introduzindo uma nova paisagem, no espaço de uma feira que muito contribuiu no seu desenho ao longo do último meio século. Novos conceitos de administração, também, distanciaram-se, de forma lenta, mas irremediável, dos modelos tradicionais de controle dos problemas sociais.

De acordo com a pesquisa realizada, percebeu-se que quanto à comercialização dos produtos comercializados nos últimos 5 anos, segundo os comerciantes, 56% afirmaram que a mesma vem melhorando no decorrer dos tempos. Enquanto, 16% dizem que piorou e 28% não souberam responder. Esses últimos com respostas diretas e simplórias decorrentes de serem punidos pelo poder local (Gráfico 2).

Gráfico 2: Quanto à infraestrutura, as vendas, e os lucros obtidos na feira nos últimos 5 anos



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

O descaso dos governantes com relação à feira local e a produção agrícola em Puxinanã provocou um significativo retrocesso no município não só no aspecto econômico como também em outros setores, este descaso é nítido ao observar a falta de estrutura e espaço que os comerciantes encontram na feira. Essa desorganização vem se agravando nos últimos anos, fazendo com que muitas pessoas deixem de frequentar a mesma, e consequentemente os feirantes acabam perdendo os seus fregueses.

Trata-se enfim, das mudanças na feira de todos os dias, do apoio à sobrevivência de um grande número de trabalhadores, em um longo processo de construção e reconstrução, possibilitando uma compreensão de quem é o feirante, e a partir dele entender a nova dinâmica instituída num espaço novo. É essa Cidade, Feira, Centro Comercial e seus feirantes que pretendo reencontrar neste estudo (BRITTO, 2007: 21).

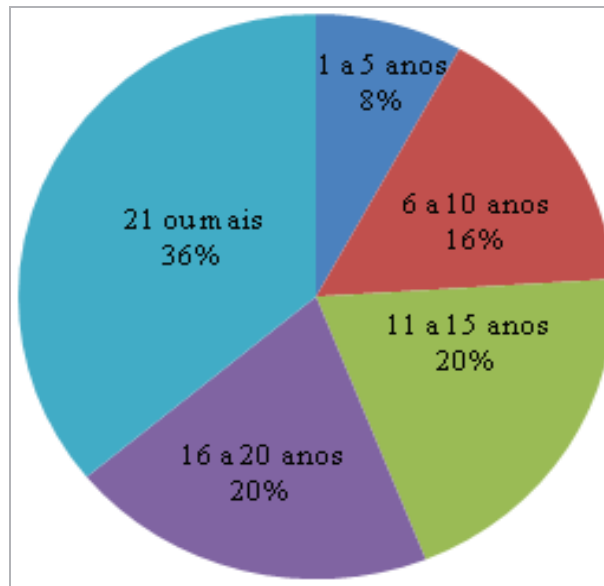
A feira de Puxinanã apresenta alguns transtornos para os moradores das ruas ocupadas pela feira, transtornos estes que também afetam os consumidores que encontram dificuldades para circular entre o amontoado de barracas e pessoas nas suas ruas estreitas. Esse desconforto também prejudica os feirantes na comercialização de seus produtos, devido às dificuldades que os consumidores têm em chegar a certos bancos (Figura 7).



Figura 7: Dificuldade de acesso para os consumidores

Portanto, os feirantes há anos alegam que essa desorganização veio se agravando ao longo dos tempos, sentindo-se prejudicados com essa situação. Como afirma o Sr. Francisco, feirante a mais de 21 anos “*o consumidor tem dificuldade de chegar até o nosso banco, o que faz com que perdemos fregueses. Pois, nem todos os consumidores tem paciência em enfrentar as ruas apertadas e o tumulto das pessoas circulando como um amontoado de coisas*”. Conforme o Gráfico 3 pode-se observar que a maior parte dos feirantes se encontra nesse espaço a mais de 21 anos em busca de sua sobrevivência.

Gráfico 3: Tempo como feirante



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Através do Gráfico 3, pode-se ver que a maioria dos feirantes atuam na feira a mais de 21 anos, praticamente desde o seu início, cerca de 36% do total, o que faz com que estes tenham grande experiência na área. Estes feirantes afirmam que por mais que encontrem obstáculos nesse meio de vida não pensam em deixar o ofício de ser feirante, permanecendo todo esse tempo como vendedores de feira livre. Os que trabalham entre 16 e 20 anos e entre 11 a 15 anos, ambos correspondem a 20%, já os que trabalham a menos de 10 anos são a minoria (6 a 10 anos, 16% - 1 a 5 anos, 8%), apesar de não terem muito tempo na função estes também pensam com otimismo em continuar na atividade em que estão inseridos economicamente, como trabalhadores mesmo como autônomos (Figura 8).



Figura 8: Filha de feirante ajudando o pai que encontra-se a mais de 21 como barraqueiro na feira

Quando se fala em feira livre o que vem a nossa mente são as compras que podem ser realizadas nessa especialidade como produtos alimentícios, lanchonetes, produtos pirateados,

roupas entre outros (Figura 9). No entanto, não seria errado em se pensar assim, porém a feira não se limita apenas a compras, pois existem outros fatores que levam as pessoas a frequentá-la, sendo uma delas as relações de amizades vivenciadas. Muitos frequentadores vão a mesma há muito tempo, praticamente desde o seu surgimento, o que seria inevitável não estabelecer laços de amizades, ou seja, de relações sociais bem próximas.



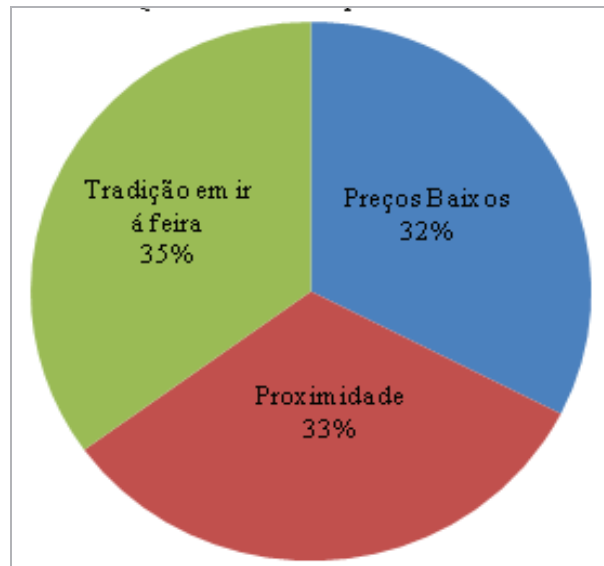
Figura 9: Barraca com produtos alimentícios

Figura 10: Bancas com produtos de roupas, CD's,

Alguns dos frequentadores da feira, quando questionado sobre o principal motivo de frequentá-la não hesitaram em afirmar que a frequência é devido às amizades construídas ao longo dos anos, pelo simples costume em ir à feira, não seria errôneo em dizer que a mesma é mantida pela sua tradição, costumes, hábitos de visitá-la, além de uma cultura fortemente enraizada em uma sociedade.

O Gráfico 4, confirma a tese de que a maioria das pessoas frequentam a feira devido as relações de amizades estabelecidas entre os feirantes e os frequentadores da feira. A maioria dos entrevistados (35%) apontou serem estes os principais motivos que os levam a feira livre de Puxinanã. Em seguida veio o questionamento sobre a proximidade (33%), relatam que é devido ao fácil acesso; logo após veio os que alegaram ir à feira devido aos preços baixos (32%).

Gráfico 4: Principal motivo de se fazer compras na feira



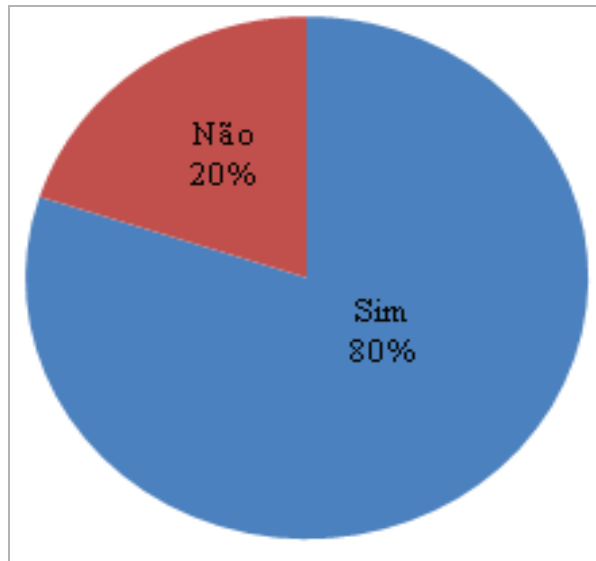
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Conforme Andrade (1988) pode atestar que todos esses fatores, que ocorrem na feira semanal é:

De grande importância para a economia urbana dos centros interioranos, tem características bem peculiares no espaço de estudo. Funcionando como dia e local de convergência das pessoas e produtos, faz com que este acontecimento expresse o grau de relações entre campo – cidade, pois é nesse dia geralmente que o habitante rural dirige à cidade em busca dos serviços que lhe são oferecidos e, em troca, transfere para a economia urbana a renda gerada no campo (ANDRADE, 1988: 555).

Os feirantes quando entrevistados também destacaram a importância da sociabilidade estabelecida na feira, como afirma o feirante Horácio: *a comercialização dos produtos na feira nem sempre vão bem, existe dias que vendemos bem pouco, às vezes o que nos mantém na feira é a convivência que temos nela, nossos colegas, esse ambiente de "confraternização"*. Vale ressaltar que grande parte dos feirantes (80%) trabalha em outros locais para poder complementar a sua renda como nos mostra o Gráfico 5.

Gráfico 5: Trabalha em outro local



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Devido ao que ganharem como feirante não ser o suficiente para o sustento familiar, muitos feirantes necessitam exercer outras atividades. Lembrando que grande parte destes produz o que comercializa na feira, executando, no entanto, duas funções a de produzir e comercializar. Apenas 20% dos feirantes afirmaram não necessitar de trabalhar em outro local ou não terem a oportunidade de outro trabalho.

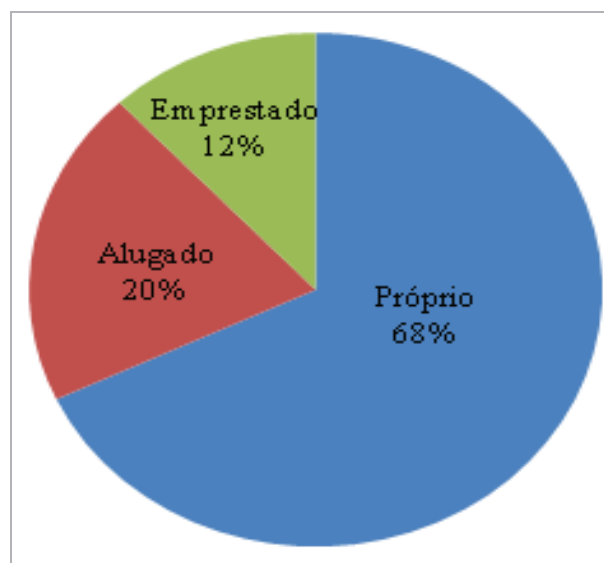
Outro ponto a ser destacado é a proximidade de um banco para o outro, essa proximidade geográfica possibilita o estabelecimento de acordos entre os feirantes, pois entre eles possibilitam regras de convivência específica (Figura 11). Essas regras são os próprios feirantes que as definem, porém é impraticável qualquer regra de generalização. Eles determinam que horas iniciar a montagem e desmontagens das bancas, define em qual local cada um deve montar a sua banca.



Figura 11: Proximidade espacial entre um banco e outro, que dificulta a circulação de pessoas e

Todas essas relações de cooperação e competição saudável também são observadas e podem mesmo ocorrer em momentos contíguos. Quando falta algo na banca de um determinado feirante o mesmo socorre-se na banca do outro, e vice-versa. A maioria desses possui sua própria banca, porém alguns necessitam alugar ou pedir emprestado o seu local para trabalhar, enquanto outros precisam dividir o seu ponto comercial com mais alguém, como pode ser observado nos Gráficos 6 e 7.

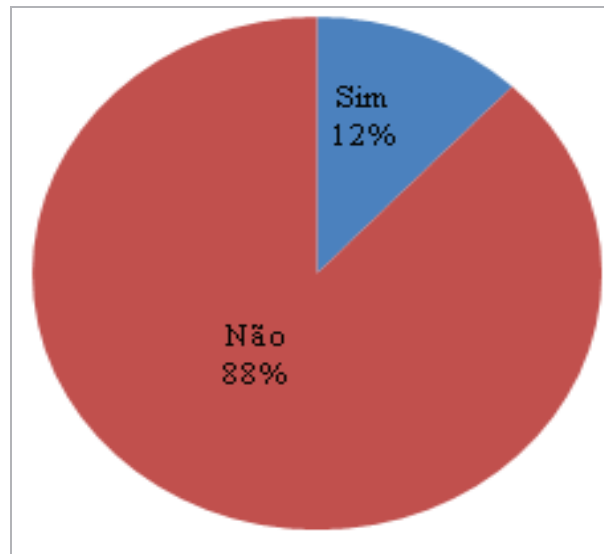
Gráfico 6: Os feirantes que são donos do seu próprio estabelecimento comercial e os que ainda não possui o seu próprio estabelecimento



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

O Gráfico 6, mostra que apesar das dificuldades enfrentadas como feirante, a maioria (68%) deles possui o seu próprio estabelecimento comercial, portanto 24% precisa pagar aluguel para poder trabalhar, enquanto que 12% têm o seu local de trabalho cedido por alguém. Com relação ao Gráfico 7, podemos observar que a maioria (88%) dos feirantes não precisa dividir o seu ponto comercial, porém a minoria (12%) ainda necessita dividir o seu local de trabalho com outros comerciantes, estes se queixam da situação, relatando que essa divisão atrapalha as suas atividades, consoante a está estruturação os mesmos não encontram no momento outra opção.

Gráfico 7: Feirantes que dividem o seu ponto comercial



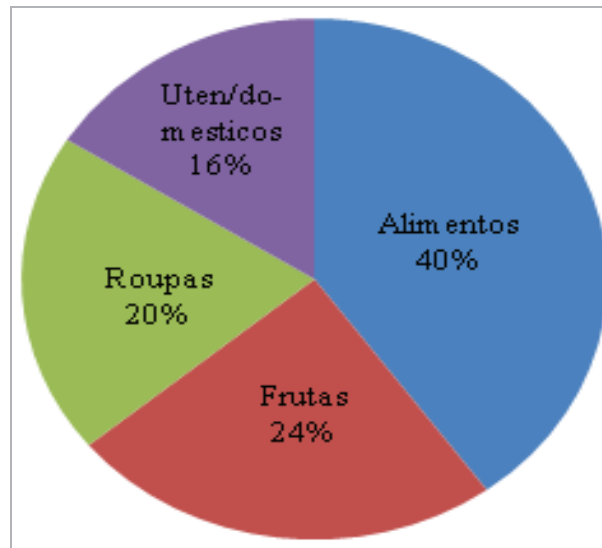
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

As feiras livres não são espaços homogêneos, pois suas atividades e funcionalidades estão inteiramente ligadas com a dinâmica regional, cujas características mostram elementos que permite conhecer as antigas e as atuais formas de produção/reprodução, visto que esses espaços são frequentados por indivíduos de diversas classes (mas na sua maioria os da classe baixa e média baixa) e com objeções de sociedade diferenciadas.

No Gráfico 8, pode-se observar o que é comercializado na feira. Os alimentos vem como o produto mais comercializado (40%), isso se deve ao fato de grande parte dos comerciantes venderem o que produzem. No entanto, esses alimentos são produzidos nas suas próprias plantações e conseqüentemente vendidos na feira; as frutas vêm em seguida, com cerca 24%, este também geralmente vem da agricultura familiar.

Os produtos menos comercializados na feira livre de Puxinanã são as roupas e os utensílios domésticos representando 20% e 16%, respectivamente. As roupas na maioria das vezes vêm de lojas do Estado de Pernambuco, como a cidade de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, já os utensílios domésticos vêm de lojas e fábricas de cidades, como Campina Grande e João Pessoa, por exemplo, mas sem descartar utensílios domésticos que são decorrentes dos Estados do Sudeste e Sul do país, principalmente.

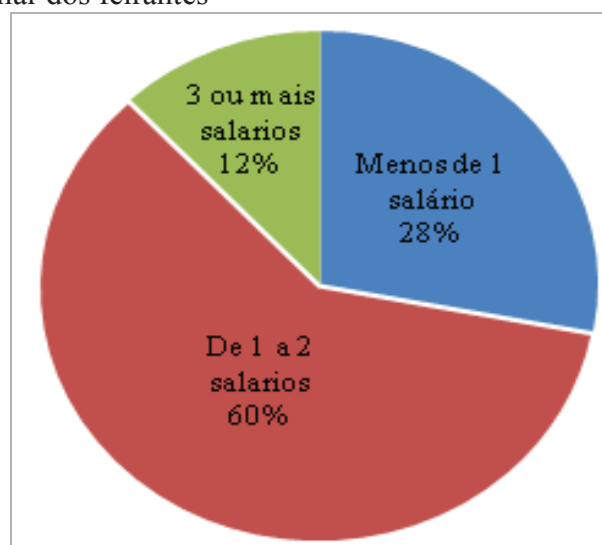
Gráfico 8: Produtos comercializados na feira



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Outro fator que merece destaque é com relação à renda total dos feirantes, como demonstra o Gráfico 9, no qual se pode observar que a renda familiar da maioria (60%) dos feirantes gira em torno de 1 a 2 salários mínimos, porém vale ressaltar que essa renda não vem apenas da feira como já foi abordado anteriormente (Ver Gráfico 5), e sim, de outros trabalhos. Isso confirma que uma boa parte dos feirantes por mais que trabalhem na feira e em outros locais a sua renda não ultrapassa 1 salário mínimo (28%), por outro lado tem os que consegue obter uma renda superior a 3 salários mínimos (12%), somando o que ganham como feirante e o que ganham exercendo outras atividades.

Gráfico 9: Renda familiar dos feirantes



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Entretanto, é na paisagem espacializada da feira livre da cidade de Puxinanã que está marcada sua representatividade – política, cultural, social, econômica, e principalmente as

relações sociais, ou seja, os estreitos laços de amizades. Como se pode observar no decorrer desses questionamentos, tendo com atores os feirantes e os consumidores (clientes) tornaram-se parte integrante dessa paisagem tradição, que não foge a regra de muitas cidades interioranas do Brasil, e em especial do Nordeste brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que surgiram as primeiras moradias no município de Puxinanã-PB, já existiam pequenos comerciantes expondo os seus produtos e objetos para vender, o que com o tempo viria a se transformar na feira livre da cidade. Da mesma forma que a cidade foi passando por transformações e uma dinamicidade discreta, se comparada ao centro maior que é Campina Grande, ao mesmo ocorreu com a feira que veio aumentar de maneira significativa, cada vez mais tendo uma grande importância na economia da cidade, além da presença do sistema sociocultural.

Nos dias atuais os frequentadores da feira ainda preferem fazer suas compras nesse espaço devido à comodidade, os preços baixos e o ambiente de boa convivência e amizade, principalmente conservando a cultura local. Apesar de todas as dificuldades que a feira vem enfrentando no decorrer do tempo, como por exemplo, o surgimento de supermercados, a falta de investimentos por parte do poder público municipal, entre outros fatores, essa ainda vem crescendo e ganhando prestígio em parte da população local.

Os produtos e objetos comercializados nos últimos anos vêm melhorando e conseqüentemente aumentando os lucros dos feirantes, no qual a maioria dos atores envolvidos neste trabalho tem uma clientela fiel, e por mais que tenham surgido várias formas de comércio, os consumidores de Puxinanã preferem frequentá-la sem dispensar o velho e bom hábito de ir fazer suas compras num espaço ao ar livre e público.

Na feira de Puxinanã podem ser encontrados vários produtos desde alimentos, CD's e DVD's, roupas, ou seja, tudo comercializado bem próximo um do outro (bancas e barracas). Essa diversidade de mercadorias configura este tipo de comércio como movimento popular, pois ela não é a mesma a cada dia que se processa, estando muitas vezes as bancas em locais diferentes a cada segunda, que aumenta de forma considerável o número de pessoas na área central da cidade, portanto este popularmente denominado como *o esperado "dia de feira"*.

Conclui-se que a análise da dinâmica econômica da feira livre permite afirmar que o município apresenta um baixo desempenho econômico e que, ao longo do tempo, diferentes nexos econômicos foram sendo construídos nesse espaço. Assim, a feira passou mesmo assim a representar algo importante, procurando sempre frisar um local de encontros, tradições, compras, trocas entre outros, enfim, múltiplas territorialidades, sendo econômicas ou culturais, exercidas pelos Puxinanenses e também pelos moradores de cidades circunvizinhas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. Área do Sistema Canavieiro. *Estudos Regionais*. V. 18, Recife: SUDENE-PSU-SER, 1998. 651p.
- BEZERRA, G. R. Gestão estratégica do varejo e a sintonia com o fornecedor : o caso do pequeno e médio varejo na cidade de Manaus. *Monografia de Graduação*. (Bacharelado em Administração). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. 69p.
- BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Social. *Comércio Varejista*. 2007. Disponível: www.bndes.gov.br/SiteBNDES/Arquivos/conhecimentoo/relato/com_vare.pdf. Acesso: 09/08/2013. 15p.
- BOECHAT, P. T. V. e SANTOS, J. L. *Feira Livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias*. Disponível: www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf. Acesso: 09/08/2013. 11p.
- BRITTO, J. R. C. Representações dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari - Bahia: 1970-2007. *Dissertação de Mestrado*. Pós-Graduação em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional. Universidade do Estado da Bahia. Salvador-BA: UNEB, 2007. 151p.
- CITYBRAZI. *A Cidade de Puxinanã no CityBrasil*. Disponível: www.citybrazil.com.br/pb/puxinana/historia/php. Acesso: 08/07/2013.
- CORRÊA, R. L. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1995. 94p.
- CPRM. *Serviço Geológico do Brasil*. Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea. Diagnóstico do Município de Fagundes - Estado da Paraíba. Recife-PE: CPRM/PRODEEM, 2005. 12p.
- DAMIANI, A. L. Cidades Médias e Pequenas no Processo de Globalização. *Apontamentos Bibliográficos*. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. 14p.
- DNIT. *Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes*. Disponível: www.dnit.gov.br/menu/rodovias/paraiba.zip. Acesso: 10/07/2013.
- FAMUP. Federação das Associações de Municípios da Paraíba. *Dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado da Paraíba em 2012*. Disponível: <http://www.famup.com.br/index.php?run=idh&op=alf>. Acesso: 06/07/2013.
- GUIMARÃES, C. A. A Feira Livre na Celebração da Cultura Popular. Universidade de São Paulo – Celacc - *Gestão Cultural e Organização de Eventos*. USP: 2010. Disponível: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/140/174>. Acesso: 18/11/2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Caracterização dos Municípios do Estado da Paraíba*. Rio de Janeiro-RJ: IBGE, 2010.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE Cidades@ Puxinanã*. Disponível: biblioteca.ibge.gov.br/visualização/dtbs/paraiba/puxinana.pdf. Acesso: 08/07/2013.

_____. *Pesquisa da Assistência Médica Sanitária 2009 do Município de Puxinanã-PB*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 8p.

ONU. Organização das Nações Unidas. *Dados do Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios Brasileiros*. Brasil: ONU, 2000. 124p.

PESSOA, J. A. L. LEVANTAMENTO DO TRANSPORTE ESCOLAR RURAL DO MUNICÍPIO DE FAGUNDES-PB: um aporte do campo à cidade. *Monografia de Graduação*. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande-PB: UEPB, 2012. 54p.

PIRES, D. E. *Divisão Social do Trabalho*. Disponível: www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/divsoctra.html. Acesso: 09/08/2013.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - 2000. Organização das Nações Unidas, 2000. 231p.

PMP. Prefeitura Municipal de Puxinanã. *Secretaria Municipal de Saúde*. Puxinanã-PB, 2013.

_____. Prefeitura Municipal de Puxinanã. *Secretaria de Obras e Urbanismo*. Puxinanã-PB, 2013.

SANTOS, A. R. A Feira Livre da Avenida Saul Elkind em Londrina-PR. *Revista de Geografia do Departamento de Geociências*. V.14, n-1, jan/jun 2005. Disponível: www.geo.uel.br/revista. Acesso: 03/07/2013. 16p.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988. 136p.

_____. *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: EDUSP, 2004. 431p.

SILVA, R. A. A (Re)Estruturação do Espaço Comercial em Fagundes-PB: o surgimento de novos espaços e seus reflexos socioeconômicos. *Monografia de Graduação*. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande-PB: UEPB, 2012. 51p.

TREVISAN, E. Vivência do Tempo, Espaço, Planejamento e Turismo: uma análise na atividade turística do município de Igarassu –PE. *Monografia de Graduação* (Bacharelado em Turismo). Departamento de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: UEPG, 2004. 49p.

_____. Feira Livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência do formal e o informal. *Dissertação de Mestrado*. Pós-Graduação em Teoria da Região e Regionalização. Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE: UFPE, 2008. 119p.

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Campus I – Campina Grande - Paraíba

Questionário I: Aplicado aos Feirantes da Feira Livre do Município de Puxinãna/PB

1. Nome do feirante: _____
2. Há quanto tempo você trabalha como feirante?
() 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos () 16 a 20 anos () 21 anos ou mais
3. Qual a sua renda familiar?
() Menos de 1 salário mínimo () De 1 a 2 salários mínimos () Mais de 3 salários mínimos
4. O que você comercializa na feira?
() Alimentos () Frutas () Roupas () Utensílios Domésticos () Outros
5. Qual a origem da mercadoria que o(a) senhor(a) comercializa? _____
6. De onde é a maioria dos seus clientes?
() Zona urbana () Zona rural () Outros municípios
7. Além da feira você trabalha em outro local? () Sim () Não
8. Você divide o seu ponto comercial com alguém? () Sim () Não
9. Este estabelecimento comercial é:
() Próprio () Alugado () Emprestado () Outro _____
13. Quando o(a) senhor(a) abriu seu estabelecimento comercial na feira, quantos clientes fixos tinha no início? _____. Hoje, quantos clientes fixos você tem? _____
14. O o(a) senhor(a) tem algum funcionário? () Sim () Não
Se sim, quantos? _____ - Com carteira assinada? () Sim () Não
15. Você acha que a comercialização dos seus produtos e/ou artigos melhoram ou pioraram nos últimos 5 anos? () Melhorou () Piorou () Não soube responder

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Campus I – Campina Grande - Paraíba

Questionário II: Aplicado aos Frequentadores da Feira Livre do Município de Puxinãna/PB

1. A feira livre de Puxinanã oferece tudo o que o (a) senhor (a) necessita?
() Sim () Não
2. Onde o (a) senhor (a) reside? () Zona rural () Zona urbana
3. Onde o (a) senhor (a) prefere fazer suas compras?
() Na feira livre () Nos supermercados () Outros _____
4. A escolha para fazer compras na feira livre é devido á:
() Preços baixos () Proximidade () Tradição em ir à feira
5. O espaço físico da feira, sobretudo, o atendimento é um dos fatores que o leva a fazer compras na feira? () Sim () Não